

UMA VEZ, EM ATENAS, no Areópago, o Apóstolo Paulo (Atos 17,22-31) sublinhou, na sua interlocução com aqueles freqüentadores da praça, em tom de argumentação, o que está no mais íntimo do coração humano: “o desejo e a nostalgia de Deus”. Esta verdade, guardada como tesouro pela Igreja Católica, independe do humor de quem diz ser verdade ou não. Na verdade, este “desejo e nostalgia de Deus” revelam-se de muitos modos no quadro da existência humana e nas diversificadas situações de sua configuração socioeconômica, político-cultural e religiosa. Basta pensar o dinamismo interno que está na estrutura mais profunda de toda pessoa humana impulsionando-a na superação de suas contingências inumeráveis e projetando-a para os âmbitos do infinito.

Nesse vértice ocorre um desafio existencial enorme. Pode-se perder o rumo. Pode ocorrer uma errônea interpretação de papéis, engano na escolha de prioridades, menos lucidez na organização social e política, e também uma compreensão religiosa opaca do seu sentido autêntico. Aí também está a condição de possibilidade para a compreensão da verdadeira dignidade humana, da apropriação de valores irrenunciáveis e da descoberta das fontes permanentes do sentido para a vida.

Nesse âmbito, portanto, situa-se este importante binômio: “ética e cultura”. Sua consideração e aprofundamento permitem a conquista do necessário ritmo para a existência humana enquanto se é e se está na contingência, contracenando com a necessidade intrínseca de toda pessoa de projetar-se e de adentrar nos âmbitos do infinito. O pano de fundo, portanto, da ética e da cultura é o desejo da Verdade. Santo Agostinho, na sua obra clássica **Confissões** (X,23,33), tem uma observação muito concreta que revela esta perspectiva do mais profundo do ser de toda pessoa ao dizer: “Encontrei muitos com desejo de enganar outros, mas não encontrei ninguém que quisesse ser enganado”.

Pode-se concluir, então, que aqui se inscreve o capítulo fundamental que contém os valores determinantes dos rumos da vida. Determinantes por serem esses oriundos das próprias raízes da existência humana, no seu sentido, na sua origem e destinação. O nascedouro, pois, dos valores se localiza para além do simples arbítrio para manter sempre atual a exigência que a Verdade, seu sentido e sua procu-

ra determinam. Assim, a ética, fonte referencial de valores, configura rumos, matices, direções e dinâmicas na cultura e nas culturas, obviamente na medida em que haja uma lucidez de sua percepção e uma conseqüente obediência de seus princípios.

Nesse âmbito, é necessário confrontar a cultura com os parâmetros oferecidos pela ética. Trata-se, pois, de confrontar a maneira particular como as relações humanas são estabelecidas à luz de valores, advindos do nascedouro da ética. A cultura, entendida como a totalidade da vida de um povo, deve receber confrontos de valores que estão para além dela mesma, criando as condições de uma avaliação do modo como pessoas cultivam as relações entre si mesmas, com a natureza e com o próprio Deus.

A ética tem uma fonte referencial imutável. Essa fonte é a Verdade. A Verdade que ninguém possui plenamente. Sua procura é a única dinâmica que localiza bem toda pessoa na sua relação. Trata-se de uma procura que aponta decisivamente para Aquele que é a Verdade: Deus. Assim, permanente é o desafio posto à cultura enquanto gerada em processos históricos, na medida em que é desafiada por valores ou desvalores, com a exigência de novas sínteses. Na verdade, a cultura é uma realidade histórica e social. Ela passa por grandes transformações que põem em jogo o sentido da vida, confronta seus ritos, configura hábitos, redefine direções e opções.

Esse desafio está presente em todos os tempos e em todas as culturas. Presente também deve ser a atenção especial no acompanhamento desse processo e a colaboração importante que se deve dar. Aqui está o segredo do destino e das condições oferecidas à humanidade.

A Igreja Católica, consciente do mandato que recebeu do seu Mestre e Senhor, Jesus Cristo, particularmente neste início de milênio, e na consideração das condições atuais na sociedade brasileira, participa deste processo com o Evangelho, para oferecer, com esta fonte ética inesgotável e insubstituível, a substituição de velhas e decadentes formas, para que se dê lugar a sínteses novas, dignas da vocação humana.

Dom Walmor Oliveira de Azevedo
Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte